



**Relatório sumário do 9.º Fórum Consultivo  
sobre Financiamento do Setor Cafeeiro**

**Antecedentes**

1. O 9.º Fórum Consultivo sobre Financiamento do Setor Cafeeiro realizou-se na terça-feira, 24 de setembro de 2019, durante a semana da 125.ª sessão do Conselho Internacional do Café, em Londres. O Fórum, que apoia a implementação da Resolução 465, reuniu especialistas para confirmar as soluções na área de gestão de risco de preços identificadas como parte dos cinco eventos consultivos internacionais da primeira fase do Diálogo Setorial Estruturado da OIC realizados entre março e junho de 2019. Com o tema "Gerindo com eficácia os riscos de preços na cadeia de valor do café: uma resposta à crise de preços do café", o Fórum teve por objetivo explorar a questão de como a resiliência dos cafeicultores à volatilidade e aos choques de preços poderia ser melhorada por enfoques inovadores baseados no mercado.
2. O Fórum, presidido pelo Sr. Kirill Matrenichev, da Federação Russa, compreendeu dois painéis, reunindo palestrantes e moderadores, especialistas do setor cafeeiro, setor financeiro, organizações internacionais e mundo acadêmico.

## **RELATÓRIO SUMÁRIO DO 9.º FÓRUM CONSULTIVO SOBRE FINANCIAMENTO DO SETOR CAFEIEIRO**

### **Introdução**

1. Os cafeicultores – os pequenos em particular – frequentemente são expostos a riscos, sejam estes agrícolas, tais como padrões meteorológicos imprevisíveis e doenças das plantas, sejam eles riscos de mercado, incluindo preços voláteis do café produzido. Esses choques externos podem afetar negativamente as receitas e os meios de vida dos cafeicultores. Adotando mecanismos de gestão de risco (MGRPs), os cafeicultores terão mais probabilidade de enfrentar os riscos de mercado e, em consequência, poderão obter uma receita mais estável e planejar com mais facilidade, tomar decisões acerca da produção e, além disso, entender os investimentos de longo prazo em seus negócios na cafeicultura. Mecanismos financeiros de gestão de risco de preços, tais como derivativos e seguros, estão disponíveis, mas os pequenos cafeicultores e os não agregados em cooperativas frequentemente não têm acesso a esses mecanismos formais, tornando-se os participantes mais vulneráveis da cadeia de valor. Isso se deve a sua alfabetização financeira generalizadamente baixa e aos custos de transação associados com os pequenos produtores, que podem ser proibitivamente altos. Na parte que lhes toca, os bancos comerciais e instituições financeiras frequentemente relutam em emprestar aos pequenos cafeicultores, devido à percepção de riscos resultante de uma falta de mecanismos de avaliação de crédito reconhecíveis e de cauções.

2. No entanto, os cafeicultores precisam ter acesso a empréstimos e a serviços financeiros para cobrir seus custos, compreendendo inclusive capital de giro e para investimentos, a fim de manter sua produção no futuro e, caso o café seja sua principal fonte de renda, cobrir seus custos de vida. Sara Mason, da SHIFT Social Impact Solutions, uma firma de consultoria, enfatizou a contribuição significativa da produção de café à obtenção de ganhos condignos para alguns cafeicultores.

3. Em sua apresentação programática, Aly-Khan Jamal, da firma de consultoria Dalberg, mostrou diversas formas de ajudar os cafeicultores a mitigar riscos relacionados com a volatilidade dos preços no mercado cafeeiro. A discussão seguinte se concentrou sobretudo no acesso individual que os cafeicultores podem ter a gestão de risco e na agregação de recursos por cooperativas de agricultores e, por último, na partilha de riscos entre os participantes da cadeia de valor.

## 1. Acesso individual dos cafeicultores a gestão de risco

### a. Limitações enfrentadas pelos pequenos cafeicultores ao acesso a serviços financeiros

4. Os **custos e riscos** associados com os investimentos nas pequenas propriedades frequentemente são percebidos como proibitivamente altos pelas instituições financeiras que disponibilizam crédito e serviços a propriedades agrícolas. A impossibilidade de acesso a crédito de longo prazo a custos baixos impede que os pequenos invistam em suas propriedades, levando à persistência de sua baixa produtividade, pouca diversificação de sua renda e, conseqüentemente, uma receita reduzida. Em princípio, quem poderia prestar os melhores serviços financeiros aos pequenos cafeicultores seriam os bancos locais, em particular os que dispõem de boas redes de agências locais e serviços digitais eficazes. No entanto, em muitos países produtores de café, os mercados de crédito rural falham, pois a cobertura de áreas rurais por bancos e provedores de serviços de crédito e financeiros é baixa. Quando os bancos estão presentes, os funcionários a cargo dos serviços de crédito nas agências locais frequentemente não têm as aptidões e a perícia necessárias para avaliar os riscos agrícolas e de mercado que os cafeicultores correm. Em conseqüência, negociantes, fornecedores de insumos e processadores tentam preencher lacunas quanto aos riscos de preços, assumindo parte dos riscos de mercado. Bancos de desenvolvimento como o FMO, dos Países Baixos, apoiam essas ações, pondo recursos e fundos à disposição dos negociantes e processadores, como Hans Boogard destacou.

5. De forma semelhante, a IDH lançou o Fundo FarmFit, de €100 milhões, para catalisar investimentos em escala, permitindo que bancos e instituições financeiras façam bons investimentos de impacto e ajudem a apoiar a sustentabilidade da pequena agricultura. O Fundo assume a posição de maior risco em um investimento, responsabilizando-se pelas primeiras perdas que haja. Ele libera financiamento agrícola oferecido por uma série de instituições financeiras, proporcionando liquidez, eliminando riscos, potencializando a disponibilização de financiamento de risco e de longo prazo aos agricultores e viabilizando os investimentos em inovação e reabilitação e a diversificação de receitas. Isso permite que os pequenos cafeicultores tenham acesso aos benefícios do mercado que as organizações de produtores de maior porte e os produtores comerciais usufruem no resto do mundo. A IDH também disponibiliza financiamento aos

compradores de café – aos corretores, por exemplo –, para que eles, por sua vez, possam prestar serviços financeiros aos pequenos agricultores, uma prática que muitos participantes da cadeia de valor anteriormente julgavam arriscada demais.

6. Além disso, em comparação com outros agricultores, os pequenos cafeicultores estão em desvantagem, pois entre eles o **analfabetismo financeiro** frequentemente é generalizado e a capacidade de analisar riscos e implementar instrumentos de mitigação é pequena. A disponibilização de gestão de risco a nível das cooperativas pode ser um modo eficaz de transferir conhecimentos e, ao mesmo tempo, de reduzir os custos de transação, pois é *"mais fácil organizar workshops para as 5 pessoas no topo da cooperativa do que trabalhar com 5.000 pequenos agricultores"*, de acordo com Florent Baarsch, do FIDA.

7. Implementada por um consórcio que inclui o Oikocredit, um provedor de empréstimos sociais, e coordenada por Hugo Villela, a Iniciativa da Gestão de Risco de Preços (Iniciativa PRM) capacita cooperativas de café na região latino-americana a mitigar a volatilidade dos preços do café através de estratégias e instrumentos financeiros. Ela organiza workshops para transferir aos produtores (diretorias e equipes de gestão formadas por produtores) conhecimentos acerca de estratégias financeiras e mecanismos e gestão de risco, concentrando-se em temas como as complexidades da avaliação e previsão das colheitas, os fatores fundamentais do mercado cafeeiro, o manejo de estoques e as estratégias de cobertura financeira. O treinamento é complementado pela implementação e monitoramento dessas ferramentas. Esse programa hoje se concentra nas Américas Central e do Sul, mas muitas das lições aprendidas poderiam ser aplicadas em outras regiões produtoras.

## **b. Derivados**

8. Derivados (futuros ou opções) são um contrato entre duas partes em que o preço é definido pelo café que se negocia na Bolsa Intercontinental (ICE). Eles oferecem ao comprador o direito (mas não a obrigação) de comprar ou vender café na ICE a um preço combinado, durante um certo período de tempo. O acesso a derivativos através de uma posição assumida na bolsa de futuros do café permite que os compradores, entre os quais cooperativas, intermediários, exportadores e importadores, implementem estratégias de cobertura (hedging) para se proteger da volatilidade dos preços. A partilha de riscos entre todos os participantes da cadeia de valor através de derivativos dá aos cafeicultores um sentido de **previsibilidade** que pode incentivá-los a investir em seus negócios do café,

potencialmente garantindo-lhes **melhores meios de subsistência** e uma **receita condigna**. O desafio, porém, consiste em assegurar a disponibilização de derivados a um grupo mais amplo de cafeicultores na cadeia de valor. Os pequenos cafeicultores têm acesso limitado ao mercado de futuros do café devido a sua falta de sofisticação e ao tamanho de suas transações individuais, que ampliam sua vulnerabilidade a choques e inibem suas oportunidades econômicas.

9. Por outro lado, os cafeicultores médios e grandes frequentemente podem fazer a cobertura de seu café através de um esquema de opções, como no ocorre no âmbito do Grupo Mercon de Café. O esquema dá maior flexibilidade aos cafeicultores em relação a quando vender seu café. Como o café é mantido no armazém e continua sendo propriedade do cafeicultor, o risco corrido pelo cafeicultor em situações de volatilidade de preços se reduz. Quando o preço à vista do café atinge um nível aceitável para o cafeicultor, ele vende o café ao comprador e se beneficia da recuperação do mercado.

10. Através de seu Programa CACHET, o FIDA dá a pequenos cafeicultores acesso aos derivados financeiros negociados nos mercados financeiros internacionais (na Bolsa Intercontinental ou na Bolsa Mercantil de Chicago, por exemplo). Em termos específicos, o FIDA trabalha com atuais intermediários da cadeia de valor que já construíram uma forte relação de confiança com o cafeicultor, tais como negociantes, exportadores, cooperativas ou instituições financeiras rurais. O Programa CACHET, por exemplo, oferece **seguro de risco de preços** a nível de cooperativas; isso, por sua vez, facilita a redistribuição de benefícios aos pequenos cafeicultores. O FIDA disponibiliza cobertura de seguros para o **risco de perda** corrido pelos intermediários que atuam na cadeia de valor. Quando o preço pelo qual as cooperativas podem vender o café é inferior ao oferecido aos cafeicultores, o seguro de preços é acionado. Ele protege a posição das cooperativas, que, por sua vez, podem repassar os benefícios do seguro a seus membros através de preços mínimos de garantia.

11. A provisão de seguros pode ser muito cara, dependendo da relação entre o nível do preço mínimo de garantia (que frequentemente se baseia nos custos de produção acrescidos de margens) e o preço de mercado. No caso do FIDA, o custo do esquema de seguros no momento é coberto por doadores; o objetivo, porém, é incluir outros participantes da cadeia de valor, tais como negociantes e torrefadores, em benefício econômico de todos. O seguro de preços garante aos cafeicultores um preço acima de seus custos de produção, permitindo que eles tenham lucros e reinvestam nas lavouras.

A oferta de seguro de risco de preços aos cafeicultores acarreta custos, mas, em circunstâncias específicas, pode no longo prazo beneficiar todos os participantes da cadeia de valor.

## 2. Partilha de riscos entre os participantes da cadeia de valor

12. Como os pequenos cafeicultores não estão bem posicionados para se cobrir de riscos no mercado de futuros, a partilha de riscos entre os participantes da cadeia de valor pode reduzir a exposição aos riscos que individualmente eles correm. A realocação de riscos entre os participantes da cadeia de valor pode ser conseguida através de mecanismos como os **contratos "over the counter"** (OTCCs), contratos bilaterais a termo pactuados fora das bolsas, que permitem aos cafeicultores se proteger da volatilidade através de preços pré-fixados e de **futuros ou derivados financeiros**.

### a. Tipos de contratos de longo prazo

13. Um contrato de longo prazo – por exemplo, entre cafeicultores e fornecedores de insumos – pode permitir que os pequenos cafeicultores invistam em suas lavouras se transferirem parte dos riscos da volatilidade do mercado aos compradores do café, que em geral têm maior acesso a instrumentos formais de gestão de risco. No momento da colheita, quando os preços tendem a ser os mais baixos, os cafeicultores inclinam-se menos a vender seu café com a intenção de adquirir insumos para a próxima temporada, com isso reduzindo seu risco de fluxo de caixa. Alternativamente, participantes posicionados mais acima ou mais abaixo na cadeia de valor, tais como provedores de insumos ou negociantes, podem fornecer fertilizantes, equipamento de processamento, sistemas de irrigação e maquinaria aos cafeicultores, possibilitando que eles consigam maior produtividade e melhor qualidade, e isso frequentemente resulta em maior rentabilidade. Um exemplo de financiamento pré-colheita através do fornecimento de insumos foi descrito pela Yara International. No Brasil, através de um esquema de permutas, a Yara fornece insumos em troca de uma quantidade pré-acordada de café.

14. Um contrato "over the counter" estabelecendo um preço fixo permite que o cafeicultor e o comprador combinem antecipadamente o preço de uma venda futura, garantindo ao cafeicultor o preço combinado se o preço de mercado cair. O cafeicultor estabelece um preço a partir de uma referência relevante (por exemplo, o custo de produção), acrescido de uma margem. Isso lhe permite cobrir todos os seus custos de produção, reinvestir em sua lavoura e, potencialmente, garantir um lucro. Como outras

empresas do setor privado, o Grupo Mercon de Café começou a construir relações comerciais de longo prazo desse tipo. O Grupo também dá apoio de negócios aos cafeicultores no que se refere aos fatores fundamentais do mercado e à compreensão de seus custos de produção, com o propósito de estabelecer um preço lucrativo, como frisou Giacomo Celi. Contratos de longo prazo com preço fixo podem ser um instrumento eficaz na mitigação do impacto de variações de curto prazo dos preços do café no mercado mundial. Esses contratos, entretanto, não estão desvinculados das tendências de longo prazo dos preços.

#### **b. Cumprimento de contratos**

15. Os contratos "over the counter" e os derivados financeiros estão associados com o risco de inadimplência – o risco de um contrato não ser cumprido. Eles pressupõem que o cafeicultor não venderá o café em paralelo quando o preço de mercado estiver mais alto que o contratualmente pré-acordado. Assim, para serem eficazes, esses contratos **requerem relações antigas e confiança entre as partes**.

16. A questão da confiança e das relações de longo prazo como indutor-chave das relações de firma com firma foi um tema central na discussão. Rocco Macchiavello, da LSE, ofereceu uma explicação em profundidade baseada em suas próprias pesquisas. Ele notou que contratos pactuados ao longo da cadeia de valor, tanto na porteira da fazenda (é esse o caso da Yara International) quanto no ponto de embarque (como os do Grupo Mercon de Café), são difíceis de executar, sobretudo quando o ambiente é de instituições frágeis. Em conceito, contratos que envolvam aspectos como o fornecimento de fertilizantes, cláusulas a termo, um empréstimo, um seguro ou qualquer outra transação são uma promessa para o futuro, em troca de algo no presente. Para fazer cumprir esses contratos ou promessas, é necessário potencializar relações de longo prazo baseadas em confiança.

17. Segundo Giacomo Celi, o Grupo Mercon de Café, por exemplo, tem melhores condições de oferecer cobertura a clientes de longa data. Para engajar os cafeicultores em relações fortes e duradouras, a empresa presta assistência técnica e assessoria agrônômica através de seu Programa LIFT, em que uma equipe de agrônomos faz visitas regulares *in situ*.

## Conclusão

18. Há uma preocupação generalizada com o acesso dos cafeicultores, dos pequenos sobretudo, aos serviços financeiros e instrumentos de gestão de risco (derivados, OTCCs, seguros) que foram discutidos extensamente durante todo o Fórum. Os pequenos cafeicultores frequentemente não têm acesso a importantes estratégias de gestão de risco para se proteger dos choques de preços e da volatilidade do mercado. Para os pequenos cafeicultores, custos e barreiras significativas, tais como **falta de compreensão** e de **alfabetização financeira**, dificultam o acesso a esses mecanismos de gestão de risco. As instituições financeiras enfrentam **custos elevados de transação** para prestar serviços a cafeicultores dispersos. A profunda assimetria que existe entre as informações de que os agricultores e os provedores de financiamento respectivamente dispõem resulta em um perfil de risco desfavorável aos produtores agrícolas.

19. A **crescimento das novas tecnologias e inovações digitais** poderia ter um impacto positivo sobre os produtores através de vários canais, incluindo o acesso a serviços financeiros. A inclusão de tecnologias digitais entre os instrumentos de gestão de risco dos preços dos produtos agrícolas também tem potencial para reduzir as barreiras e os custos de transação enfrentados pelos cafeicultores. Por exemplo, **drones** podem ser usados para detectar lavouras doentes; **pagamentos através de celulares** podem acelerar as reivindicações de seguros; e **imagens por satélite** possibilitam a coleta remota de dados meteorológicos e facilitam o desenvolvimento de produtos de seguros indexados.

20. As **tecnologias digitais** também podem desempenhar um papel importante na **ligação dos cafeicultores com os mercados** e dar maior **transparência aos mercados**. Criando mercados independentes, tais como **plataformas digitais**, é possível conectar compradores e produtores diretamente, permitindo-lhes fixar seu preço com base em pontos de referência relevantes (por exemplo, custos de produção). Adicionalmente, **aplicativos móveis** podem ser usados para excluir os intermediários e conectar os pequenos cafeicultores diretamente com os compradores. Tecnologias digitais e acesso à Internet podem dar aos cafeicultores rurais acesso a **informações de comercialização e agrícolas** (informações sobre melhores práticas agrícolas, preços de mercado, previsões de tempo e notícias de eventos) e ajudá-los a tomar decisões melhor fundamentadas, para potencialmente aumentar suas receitas através de alinhamento mais preciso da produção da lavoura com a demanda do mercado.



21. A discussão também sugere que a **agregação de cafeicultores** em cooperativas é uma forma eficaz de os pequenos melhorarem seu acesso a instrumentos financeiros e, também, a mercados de fatores e insumos. O agrupamento dos pequenos cafeicultores em cooperativas torna mais confiável a quantidade do café que eles produzem e os ajuda a alcançar novos mercados, assim reduzindo os custos de transação para os compradores. As cooperativas melhoram o acesso dos cafeicultores a informações de mercado, dando-lhes maior poder de negociação e viabilizando as economias de escala. Isso pode elevar o preço que eles recebem por seu café e reduzir o custo que eles pagam por seus insumos. As cooperativas além disso oferecem oportunidades de agregar valor aos produtos (por exemplo, dando aos cafeicultores uma participação nas usinas de benefício ou de lavagem), com um impacto positivo sobre seus meios de sustento.

22. A tecnologia digital e a agregação dos cafeicultores **possibilitam acesso a mecanismos de gestão de risco de preços** e são formas promissoras de permitir que os produtores de zonas remotas e os pequenos produtores se conectem com os mercados e planejem sua produção futura, o que, por sua vez, elevaria os ganhos dos cafeicultores e contribuiria para a obtenção de uma receita condigna.

## 9.º FÓRUM CONSULTIVO SOBRE FINANCIAMENTO DO SETOR CAFEIEIRO

### "GERINDO COM EFICÁCIA OS RISCOS DE PREÇOS NA CADEIA DE VALOR DO CAFÉ: UMA RESPOSTA À CRISE DE PREÇOS DO CAFÉ"

- 09h30 – 9h45 **Boas-vindas e observações iniciais**
- Kirill Matrenichev, Presidente do Fórum Consultivo, Federação Russa
  - José Sette, Diretor-Executivo, OIC
  - Aly-Khan Jamal, Chefe Global de Agricultura & Segurança Alimentar, Dalberg
- 09h45 – 11h00 **Painel 1: Inovação na gestão de risco de preços em nível da lavoura e das cooperativas**
- O objetivo é examinar opções de gestão de risco de preços disponíveis aos pequenos cafeicultores individualmente ou através de cooperativas. A discussão se concentrará em instrumentos de gestão empregados no setor cafeeiro e em outros setores agrícolas, bem como em novas soluções baseadas em tecnologia.
- Moderador: Denis Seudieu, Economista-Chefe, OIC
- Florent Baarsch, Economista Ambiental & Climático, Divisão da África Ocidental e Central, Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA)
  - Aly-Khan Jamal, Chefe Global de Agricultura & Segurança Alimentar, Dalberg
  - Sara Mason, Fundadora e Consultora Principal, SHIFT Social Impact Solutions
  - Dominic Strano, Gestor Sênior de Investimentos, IDH Iniciativa de Comércio Sustentável
  - Hugo Villela, Coordenador, Iniciativa da Gestão de Risco de Preços (PRM)
- 11h00 – 11h30 **Café**
- 11h30 – 12h45 **Painel 2: Compartilhando riscos de preços com agentes econômicos ao longo da cadeia de valor**
- A discussão identificará maneiras de compartilhar os riscos de preços assumidos pelos cafeicultores com agentes da cadeia produtiva, incluindo compradores de café e fornecedores de insumos agrícolas. O painel explorará meios de atrair financiamento na cadeia de valor, pela redução da percepção dos riscos (de inadimplência inclusive) da disponibilização de crédito aos lavradores, através de novas disposições contratuais, do fortalecimento de instituições e de esquemas de garantia pública. Inovações na cadeia produtiva tais como comércio direto serão avaliadas.
- Moderador: Christoph Sänger, Economista Sênior, OIC
- Hans Bogaard, Administrador da Finanças Agrícolas e África, Companhia de Financiamento do Desenvolvimento (FMO), Países Baixos
  - Giacomo Celi, Diretor de Sustentabilidade, Grupo Mercon
  - João Moraes, Gerente Global de Café, Yara International ASA
  - Rocco Macchiavello, Professor Associado de Gestão, Departamento de Gestão, London School of Economics (LSE)
- 12h45 – 13h00 **Observações finais: resultados e próximas etapas**
- Kirill Matrenichev, Presidente do Fórum Consultivo, Federação Russa